

PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL

DIRECTOR
FLÁVIO GONÇALVES



VOL. XIX

1980

N.º 2

EDIÇÃO
DA
CÂMARA MUNICIPAL

Sobre a condição de poveiro atribuída a um Bispo de S. Paulo

POR MANUEL AMORIM

Os historiógrafos locais, a partir do P.^o Gesteira, apresentam Frei Manuel da Ressurreição, frade menor franciscano que foi o 3.^o bispo da diocese de S. Paulo — Brasil, como um dos filhos ilustres da Póvoa de Varzim.

Já Veiga Leal na sua «*Notícia da Villa da Póvoa de Varzim, feita a 24 de Mayo de 1758*» em resposta ao n.^o 18 do novo inquérito enviado aos párocos pelo P.^o Luís Cardoso para recompor o Dicionário Geográfico do Reino de Portugal, escreveu: «*Foi natural desta villa um bispo ultramarino, cujo certo nome se ignora por haver defecado (de deficere-acabar) n'ella a descendencia da família dos Cortezes de que proveio*». O P.^o Gesteira, que decalcou a maior parte das *Memórias Históricas* (1851) na «notícia» de V. Leal e que, por vezes, tão mal a interpretou, não se conteve em deixar no anonimato o reverendo prelado e desfia do novelo da sua memória a seguinte informação: «*Entre o número dos varões esclarecidos que esta villa produziu, se distingue o ex.^{mo} Bispo de S. Paulo, D. Frei Manoel da Ressurreição, último descendente da familia dos Cortezes...*». Dado o nome ao santo, como soi dizer-se, faltava situá-lo no tempo e no espaço, tarefa de que se encarregou o jornalista Cândido Landolt dando-nos pormenores curiosos e certos, pelo menos quanto às datas, que não resistimos em transcrever: «*Ao cimo da Rua do Cidral, e na casa de varanda que está ao correr para a travessa de Carlos Alberto, nasceu*

no século XVIII, D. Frei Manoel da Ressurreição um sacerdote que... ascendeu ao supremo lugar de Bispo de S. Paulo, tomando posse... a 19 de Março de 1774, honrando sempre o nome da Póvoa de Varzim... e os pergaminhos da sua nobresa, visto ser Sua Ex.^a Rev.^a o ultimo descendente da família dos Cortezes».

Comparando os três textos, o arguto investigador poveiro Dr. Jorge Barbosa atirou a primeira pedra ao charco. Escreve ele «...não me é possível conciliar as datas (1774) apresentadas por Cândido Landolt com a da *Notícia* de Veiga Leal (1758)». Ora as datas estão certas e quem meteu o pé na argola foi o P.^o Gesteira, o que também escapou à observação de Landolt. É evidente que o bispo ultramarino, cujo nome já se tinha perdido da memória no tempo em que Veiga Leal escreveu a sua «*Notícia*» (1758) e em quem se exterminara a família dos Cortezes, não pode ser o douto e apostólico Frei Manuel da Ressurreição, que só foi elevado ao episcopado em 1771 ou seja treze anos depois.

*

Em Maio passado tive a oportunidade de rever S. Paulo e, desta vez, com algum tempo para me informar sobre o suposto conterrâneo cuja figura conhecia, apenas, pela tradição poveira e pelo registo biográfico, sumaríssimo, inserto na *História da Igreja em Portugal* de F. de Almeida. A minha curiosidade depressa se satisfez porque nas grandes metrópoles todos estão de acordo que não é possível viver sem uma eficiente organização; e ela funcionou desde a recepção no Arquivo da Cúria Metropolitana de S. Paulo até à secção de pesquisa chefiada por um funcionário especializado e bem conhecedor da história da Igreja local. Num ápice vi diante de mim a monumental obra de Mons. Paulo Florêncio Camargo sobre a Igreja em S. Paulo, editada em 1953. O livro 1.^o do volume V é dedicado a «*Dom Frei Manuel da Ressurreição, as suas lutas e as realizações importantíssimas*» e abre com um capítulo onde insere as notas biográficas cujo n.^o 1 vou transcrever: «1 — Vamos iniciar a vida de Frei Manuel da

Ressurreição com a sua certidão de baptismo que o Sólido Seráfico no Brasil não logrou descobrir «Porque vendo os livros de assentos dos baptizados desta parochial Igreja de Nossa Sãa dos Martires, certifico que a fls. 128 está o assento seguinte — Em os nove dias do mês de Janeiro foi baptizado nesta parochial igreja de Nossa Senhora dos Mártires de Lisboa, Manuel da Ressurreição, filho legítimo de Bento Alveres de Carvalho e de D. Helena Maurícia de Amorim de que fiz este assento que assinei no dia nove do mês de Jan.^o do anno de 1718. O cura. E não se continha mais do dito assento que aqui trasladei do dito livro a que me reporto. Eu, o cura desta igreja abaixo assinado. Lisboa aos 12 de Set.^o de 1770 o cura Manuel de Carvalho».

Esclarece Mons. Camargo que a cópia da certidão foi extraída do processo consistorial existente no arquivo secreto do Vaticano. Devemos acrescentar que a paróquia dos Mártires só tem «assentos» ordenados a partir de 1756, pois os anteriores ao terramoto de Lisboa, que se puderam salvar, andam concertados e dispersos por vários livros. Ora o assento de baptismo acima transcrito apresenta evidentes marcas de concerto e isso reduz-lhe a credibilidade mas não, totalmente, o valor histórico. Se o nome dos progenitores de Frei Manuel é o constante da certidão, e nada o faz duvidar, temos como certo que ele não foi baptizado na Póvoa nem em Vila do Conde. Tão pouco se admite que a criança nascesse na Póvoa e fosse baptizada em Lisboa; ninguém, naquela época, o faria.

Termino com uma pergunta. Por que é que o P.^o Gesteira atribuiu a condição de poveiro a Frei Manuel da Ressurreição e não a outro qualquer? Tudo indica que ele pretendeu dar a conhecer uma tradição corrente na Póvoa acerca da presença daquela personagem e seus familiares na nossa terra. Não repugna aceitar algumas das «circunstâncias poveiras» que envolvem a vida do eminente prelado. A naturalidade, não.